

A modernidade schreberiana: abjeção, preconceito e ideologia¹

Augusto César Francisco – UFRN

SANTNER, Eric L. *A Alemanha de Schreber: uma história secreta da modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

A Alemanha de Schreber está próximo da abordagem da Sociologia Clínica ao propor, como tese central, o peso que a abjeção, o preconceito e a ideologia têm no adoecimento psíquico do sujeito. Revisando o famoso caso clínico de Freud – *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)* (1998), que é baseado no livro de Daniel Paul Schreber (1995) sobre sua “doença nervosa” e sobre os seus internamentos, intitulado *Memórias de um doente dos nervos*, Santner desenvolve a idéia de que ambos, o intérprete e o psicótico, partilham suas idéias, mergulhados em um ambiente social, cultural e historicamente determinado pela misoginia, pela homofobia e pelo anti-semitismo. A nosso ver, a proposta de Santner caminha junto com a problematização da Sociologia Clínica, esta definida judiciosamente por Vincent de Gaulejac (2001) no artigo *A gênese social dos conflitos psíquicos*. Referindo-se, na época, à Sociologia Clínica como uma abordagem em construção, este autor define-a como:

[...] *sociologia*, visto que se pretende apreender a dinâmica das contradições sociais e o peso das regularidades objetivas do social intervindo sobre os ‘destinos’ individuais; *clínica*, porque a análise dos processos sociopsicológicos só será completamente válida, isto é, verificada e valorizada, na medida em que a verificação dos métodos científicos tradicionais corresponda a uma experiência vivida e para a qual a hipótese fornece um sentido e uma coerência (grifo nosso).

O texto de Santner é dividido em uma introdução e três capítulos. Na introdução e no primeiro capítulo, intitulado *Freud, Schreber e as paixões da psicanálise*, o autor apresenta o “discurso” de Schreber sobre sua “doença” contido nas *Memórias*, a análise freudiana sobre a paranóia daquele estruturada nas *Notas psicanalíticas* e a construção da tese sobre a crise de investidura.

Em 1884, diante de uma derrota nas eleições para o Reichstag (Parlamento alemão), Schreber teve seu primeiro colapso mental, sendo internado no Hospital Psiquiátrico da Universidade de Leipzig, sob os cuidados de seu diretor Paul Emil Flechsig, renomado anatomista cerebral alemão. Depois de alguns anos de tranqüilidade, adoeceu novamente em 1893, quando assumiu o cargo de *Senatspräsident* (Juiz da Suprema Corte de Apelação), sendo novamente internado por Flechsig e, logo em seguida, transferido para o Real Sanatório Público de Sonnestein, aos cuidados do diretor Guido Weber. Declarado incapaz, consegue revogar essa decisão com a sua apelação à Suprema Corte, onde apresenta o texto contido nas *Memórias*, que traz sua autobiografia relatando a sua emasculação e a perseguição cósmica realizada por Deus, publicado em 1903.

A cosmologia de Schreber, presente em suas *Memórias*, é apresentada no seguinte discurso paranóico: sendo o único sobrevivente na terra, e vivendo sem estômago com os “homens feitos às pressas”, ele se comunicava com Deus através da “língua fun-

1 Agradeço ao Professor Luiz Gonzaga Medeiros, do Colégio de Psicanálise do Brasil, o material sobre a paranóia de Daniel Paul Schreber.

damental”, ou “língua dos nervos”, tendo sido convocado por Ele para cumprir a missão redentora – a qual somente ele poderia realizar se fosse emasculado – de redimir o mundo e restituir-lhe o estado de beatitude. Sua emasculação (transformação em mulher) é um milagre divino, procedido através de décadas ou muitos anos, que lhe oferece a sensação de um número enorme de nervos femininos passando pelo seu corpo. Schreber sentiu-se a esposa de Deus para criar uma nova raça de homens através de um processo de fecundação direta por Ele. Era ainda perseguido por “pássaros miraculosos”, que vinham lhe trazer o “veneno de cadáver”, transmitindo-lhe os “restos” das antigas almas humanas.

As *Notas psicanalíticas*, contendo o estudo sobre Schreber, Freud publicou-as em 1911, quando se deparava com uma série de problemas “institucionais” ligados à nascente psicanálise, e que, por sua vez, não deixavam de estar associados aos seus problemas pessoais. Ainda, com o fantasma de Fliess para ser digerido, Freud estava na iminência de romper com Adler e, dois anos mais tarde, com Jung, dois fundadores do movimento psicanalítico, o que demonstraria a fragilidade de uma instituição em surgimento. A tese central das *Notas psicanalíticas* é que a base da moléstia de Schreber foi a irrupção de um impulso homossexual e feminino, recalcado da maneira mais defensiva possível, radical e irremediavelmente, com sua libido sendo fixada em um narcisismo primário e, conseqüentemente, desligando-se dos objetos externos, com o que culminou os sintomas paranóicos.

A seu turno, Santner apresenta uma tese na qual a “moléstia” de Schreber somente pode ser cotejada levando-se em consideração um contexto cultural onde o poder simbólico é vivenciado como “sexualidade”, deixando à mostra o abjeto que isso significa. Segundo este autor, a “Alemanha particular” de Schreber seria o espaço privilegiado de uma crise da modernidade, engendrada pela perda da eficácia performativa da autoridade simbólica que garante a magia da coesão social, não mais sustentando a “saúde” coletiva; a crise demonstraria a ex-

cessiva proximidade do poder disciplinar junto ao sujeito, deixando *às claras* a identificação radical deste com o abjeto que é a *Ludertum* política, ou, em outras palavras, não deixando que ele recalque essa “podridão”. A palavra *Ludertum* pode ser entendida como a “podridão” ou o “abjeto”:

‘Luder’, tem conotações particularmente ricas no contexto dos tormentos de Schreber. Ela de fato pode significar ‘ordinário’, no sentido de uma figura perdida e patética, mas pode também significar vigarista esperto ou patife, além de prostituta, vagabunda ou puta, e por último, a carne morta ou putrefaciente de um animal, especialmente no sentido da carniça usada como isca na caça (p. 57).

Partindo do texto schreberiano e, por conseqüência, do texto freudiano – “[...] em virtude da força interpretativa e da intensa natureza canônica do estudo clínico de Freud, Schreber ainda é, sempre e em algum nível, o Schreber *de Freud*” (p. 30) –, sob uma análise interpretativa baseada, entre outros em Bourdieu, Butler, Foucault e nos “novos estudos culturais judaicos”, Santner identifica o baixo-relevo político que está no contexto europeu da produção da psicanálise (p. 41). O texto freudiano sobre Schreber e o ambiente cultural são reveladores daquilo que chama a “Alemanha particular” de Schreber.

Santner revisa os capítulos do estudo de Freud, enfatizando o que há no rito de instituição, tanto em relação à nomeação de Schreber ao cargo de *Senatspräsident* como em relação à implicação de Freud na instituição psicanalítica. No ritual de instituição da nomeação de Schreber, que é dependente da magia dos enunciados performativos, convocando o sujeito a um novo *status* simbólico, fica exposto sua identificação radical com o *Luder* – digo que a identificação com o “podre” é radical para expressar a idéia do autor de que “o sujeito se tornou incapaz de esquecer, e incapaz (primordialmente) de recalcar a dimensão pulsional da função simbólica” (p. 59). O ato de fala que legitima Schreber *Senatspräsident* (a “instituição” da justiça o declarou assim!) secreta o ato de fala que deveria ter sido recalcado, ficando exposta uma “cri-

se de investidura” (essa declaração da “instituição” esconde algo de “podre” – que a lei é vazia e que o corpo é abjeto):

[...] Schreber descobriu, sem dúvida de modo inadvertido e involuntário, algo realmente notável sobre a relação entre a função simbólica e a sexualidade: uma crise da função simbólica – a inscrição de alguém numa rede simbólica por meio de nomes e títulos – pode manifestar-se no campo da sexualidade, ou, para dizê-lo em termos mais foucaultianos, *como sexualidade*. É como se o próprio Schreber estivesse parcialmente ciente de que suas rebuscadas fantasias sexuais eram elaborações dos produtos da decomposição dos recursos simbólicos que poderiam ter-lhe assegurado que ele era legítimo ‘aos olhos’ da comunidade simbólica, ou daquilo a que Lacan se refere como o ‘grande Outro’ (p. 66).

É uma crise geral, uma loucura geral (p. 58), cujos efeitos alcançam qualquer sujeito implicado na investidura institucional. Santner assevera que a escrita freudiana é enredada por esse contexto de crise nos rituais de instituição. De fato, Freud está à frente da psicanálise, instituição recém-formada na época da publicação do Caso Schreber (1911) e já em crise, tendo de assegurar a coesão social do grupo – problema vivenciado, em parte, pela psicanálise até hoje.

Freud havia interpretado

[...] o delírio de emasculação como uma fantasia desejante de ocupar uma posição feminina diante de grandes figuras masculinas de autoridade e poder, e vê o delírio do desastre cósmico como uma retirada generalizada dos investimentos libidinais do mundo, que serve como uma defesa contra a intensidade da fantasia ‘homossexual’ (p. 75).

A psicanálise germinou, inicialmente, como uma instituição “homossexual”, no mesmo sentido civilizador dado por Freud em seu estudo. Mas, além disso, ela é tecida com os mesmos fios de autoridade simbólica e enunciados performativos mágicos que afirmam o seu lugar. Enfim,

[...] o estudo do material schreberiano por Freud foi realizado num momento da história da psicanálise em que a autoridade simbólica dessa nova

instituição estava sendo duramente contestada, dentro e fora de suas fileiras – num momento de tensão institucional que [...] deixou Freud particularmente sensível à natureza da crise de investidura de Schreber, muito embora ele nunca a tenha abordado explicitamente (p. 30).

O segundo capítulo, intitulado *O pai que sabia demais*, discute sobre as causas do colapso mental de Schreber. Este capítulo apresenta as teses sobre o responsável possível por seu colapso, que se dividem, de um lado, no papel representado por Moritz Schreber com seu ensinamento pedagógico e, de outro, na influência dos ensinamentos cientificistas de Flechsig sobre anatomia. As duas perspectivas fazem associações muito ricas. Santner acrescenta a elas as idéias foucaultianas contidas no *Vigiar e punir* e na *História da sexualidade* e as idéias butlerianas contidas no *Problemas de gênero* e no *Bodies that matter*.

Sobre as causas do colapso mental de Schreber, Santner aponta em duas direções: de um lado, ele foi submetido quando criança ao saber pedagógico elaborado por seu pai, Moritz Schreber, com técnicas de educação infantil austeras; de outro, houve sua submissão ao saber médico transmitido por seu psiquiatra, o Doutor Flechsig, legitimado pela “ciência”. Os dois casos envolvem um “saber” sobre o corpo, ligado ao “poder”, numa interpretação foucaultiana, e esse “saber” pode ser traumatizante. De fato, com a “[...] posse e a elaboração de certos tipos de *saber* – no caso, um saber sobre o corpo, seu desenvolvimento e suas funções – já constituem uma forma de poder capaz de produzir efeitos traumáticos naqueles que são posicionados como objetos desse saber” (p. 97). Esses “efeitos traumáticos” seriam impulsionados pela “dialética do Iluminismo”.

O projeto iluminista contido no livro (*Ärztliche Zimmergymnastik – Ginástica médica de salão* –, sem tradução para o português) de Moritz Schreber (o pai), ancorado nas proposições luteranas e kantianas, propõe que a criança deve ser submetida a métodos repetitivos de disciplina com o objetivo de transformar a heteronomia em autonomia, inculcando nela a voz da razão e da consciência (p. 109-110) – um

“super” superego, digamos! Seguindo a análise foucaultiana do poder, pode-se sugerir que a disciplina proposta pelo Iluminismo quebra seu próprio projeto, produzindo o que só se pode chamar de monstrosidades (p. 111).

Apoiado nas teses butlerianas de que existe uma “performatividade” de gênero produzindo desempenhos socialmente regulados, e extremamente dependentes da compulsão à repetição – tal como uma lei –, com os quais advêm, concomitantemente, os desempenhos desviantes (p. 114-115), e de que a “matéria” do “sexo” é um processo de “materialização”, através da força de exclusão e de abjeção, que produz um exterior abjeto em relação ao sujeito, mas que está “dentro” dele por intermédio da identificação inconsciente (p. 116), Santner acrescenta à perspectiva foucaultiana a dimensão onde o sujeito “literaliza” o “poder”:

[...] se Foucault tem razão em dizer que o poder disciplinar ‘intensifica’ o corpo, produz a sexualidade, em vez de reprimi-la, é porque esse poder *literaliza* a escandalosa dependência que as ontologias socialmente estabelecidas têm da performatividade como compulsão à repetição – a dependência daquilo que Schreber caracterizou como uma certa *podridão* (normalmente recalçada, normalmente secreta) inerente a toda identidade simbólica (p. 116).

Por fim, o terceiro capítulo, *A questão judaica de Schreber*, apresenta as teses sobre as fantasias anti-semitas disponíveis no arquivo cultural da época e presente na obra, ora mais forte ora mais sutil, de muitos pensadores, tais como Kafka (*O processo* e *A metamorfose*), Wagner (*Parsifal*), Hoffmann (*Der Sandmann*), Weininger (*Geschlecht und Charakter*), Panizza (*Der operiert Jude*), Nietzsche (*Assim falou Zaratustra*), para não dizer Freud e Schreber, o primeiro com uma recusa de se ver como judeu, tendo “recalcado” a questão judaica das *Notas psicanalíticas*, e o segundo com a fantasia do “judeu errante” e da “efeminação judaica” (a crença no judeu errante era a de um sobrevivente e salvador feminizado, e a crença na efeminação judaica era impulsionada, por exemplo, por lendas em que o varão judeu menstruava):

A idéia é que, quando um homem do fim do século XIX, um alemão pertencente a uma elite (como o judiciário), seja por que razão for, passa a ter perturbada a sua identificação com sua posição, ele fica automaticamente na posição simbólica das figuras marginalizadas dessa cultura – no caso, as mulheres e os judeus – e começa, de maneira inconsciente e conflitiva, a elaborar as conseqüências de seu novo conjunto de identificações, usando quaisquer imagens e fantasias prontamente disponíveis no ‘arquivo’ cultural (p. 137).

Santner entra na discussão da “questão judaica” em Freud e Schreber, proposta por Gilman, Geller, Boyarin e Eilberg-Schwartz, cuja tese é a de que as posições anti-semitas constitutivas de uma formação histórica singular associavam os desejos femininos a uma predisposição mórbida aparentemente judaica, que “escorria” discursivamente em relação à homossexualidade (p. 162). Essa formação histórica singular – que nos referimos no primeiro parágrafo como misógina, anti-semita e homofóbica – influenciou tanto Schreber, em suas paranóias, como Freud, em suas interpretações.

Nos termos da ‘Alemanha particular’ de Schreber, espaço de fantasia compartilhado em larga medida por Freud, Panizza, Kafka e uma multidão de outros, o ‘outro lado’ era, acima de tudo, o lado das mulheres, dos judeus e dos homossexuais (e, até certo ponto, dos católicos), representantes principais da *Ludertum* de Schreber (p. 163).

Bem diferente da solução final autoritária do nazismo, muito sagazmente analisada por Elias Canetti (1997) *Massa e poder*, Santner acredita que as identificações perversas de Schreber com o abjeto social salvaram-no, pelo menos momentaneamente, da morte psicológica. Podemos dizer que Schreber abnegou profundamente aquilo que Eugène Enriquez (1990) denominou de “a destruição dos judeus como paradigma da sociedade moderna”. Schreber inclusive exercita um eminente ato democrático, ao desejar distribuir um material desesperadamente novo à comunidade científica.

Refletindo extensivamente, convidamos os leitores a vislumbrar um caso desse “outro lado” na

fantasia brasileira contemporânea, apresentado em *No outro lado do espelho*, de Norma Takeuti (2002), que caminha com passos semelhantes à proposta de Santner. A autora coloca como tese do seu trabalho que os jovens adolescentes das periferias pobres urbanas, nomeados de “meninos de rua”, estariam nesse lugar de abjeção social, o qual é construído “perversamente” pelas fantasias coletivas. Com as ferramentas da Sociologia Clínica, ela analisa os processos de subjetivação da fantasia perversa de negação do outro social, amplamente compartilhada na contemporaneidade e uma das responsáveis por muitas sortes de adoecimento psíquico: narcisismos, perversões, neuroses e psicoses.

A fantasia que se esconde atrás da psicose de Schreber, ligada ao preconceito de “ser” um *Luder* na sua identificação oitocentista com a mulher e com o judeu, ou a fantasia de negação do outro num dos casos contemporâneos do *Luder* ser o “menino de rua”, traumatiza, pois “[...] é autenticamente enlouquecedor descobrir-se ocupando o lugar da abjeção, na falta de uma forma mínima de solidariedade humana” (p. 169). Nossas reflexões nos levam a pensar como no discurso sobre o amor transitam essas fantasias ideológicas, mais particularmente no discurso sobre o amor que Freud leva para os principais conceitos psicanalíticos que fazem a sua “explicação do amor”: falo, castração, complexo de Édipo e narcisismo. Aí se justifica a importância do material de Schreber para a análise da “matéria” das fantasias sociais de abjeção, de preconceito e de ideologia. “A importância do material de Schreber para a análise da ideologia está em que ele proporciona um vislumbre dessa ‘matéria’ do fascínio ideológico em estado quase puro, isto é, no momento de sua inscrição num campo de valores culturais” (p. 60). Se o discurso sobre o amor está inevitavelmente ligado à dominação de gêneros, de gerações e de cosmologias (ENRIQUEZ, 1990, p. 182-242), e freqüentemente é tido como natural, eterno e independente das produções culturais, configurando um fenômeno de ideologia (SOUZA FILHO, 2001, p. 31-32), é importante pesquisarmos sobre essa “matéria”.

REFERÊNCIAS

- CANETTI, Elias. *Massa e poder*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- FREUD. *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- GAULEJAC, Vincent de. A gênese social dos conflitos psíquicos. *Cronos, Revista do PPGCS/UFRN*, v. 2, n. 1, p.109-115, jan./jun. 2001.
- SCHREBER, Daniel Paul. *Memórias de um doente dos nervos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- SOUZA FILHO. *Medos, mitos e castigos*. São Paulo: Cortez, 2001.
- TAKEUTI, Norma. *No outro lado do espelho*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.